
Saberes Cruzados: Metodologias, Epistêmes e Subjetividades nas Pesquisas com as Culturas Urbanas¹

Thiago Tavares NEVES²
Jonara CORDOVA³
Gabriela Cleveston GELAIN⁴

RESUMO

O objetivo deste trabalho é trazer para o debate comunicacional questões e elucubrações atinentes a um *modus operandi* de fazer pesquisa com as culturas urbanas contemporâneas. Em um movimento de demonstrar um pouco das nossas pesquisas atuais e passadas, nos propusemos a abordar dilemas pessoais, epistemológicos, metodológicos e éticos ao elegermos objetos como artistas, encontros de poesia falada, o fervo e as festas através de teorias como a perspectiva do cruzo (RUFINO; SIMAS, 2018), a investigação narrativa (CARDONA; ALVARADO, 2015), a baixa teoria (HALBERSTAM, 2020), a roleta interseccional (CARRERA, 2021) e o *queer* decolonial (PEREIRA, 2015).

PALAVRAS-CHAVE: metodologia; *queer* decolonial; perspectiva do cruzo; baixa teoria; roleta interseccional.

Introdução

Neste artigo, escrito a seis mãos, cada um/a de nós expõem as suas provocações e indagações apreendidas e sentidas nos seus respectivos campos de pesquisas em cidades de diferentes estados do Brasil: Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e São Paulo. O objetivo deste texto é trazer para o debate comunicacional questões e elucubrações atinentes a um *modus operandi* de fazer pesquisa com as culturas urbanas contemporâneas e por meio delas de maneira contaminada, virulenta, desobediente, sem receitas metodológicas ou congelamentos epistêmicos. Propomos aqui uma reflexão teórica com nuances de desafios metodológicos, sugerindo outras epistêmes, outros saberes, ancorados em vozes subalternizadas pelo campo hegemônico da ciência.

Além disso, os três pesquisadores encontram-se em diferentes momentos de pesquisa que demonstram os desafios metodológicos nos percursos de investigação das

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, , XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós-doutor pelo PPG em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM/SP, e-mail: nevethiago1@hotmail.com.

³ Doutoranda pelo PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, e-mail: jonaracordova@gmail.com.

⁴ Doutoranda pelo PPG em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP, e-mail: gabrielagelain@gmail.com.

culturas urbanas: a conclusão de um pós-doutorado (Thiago), a finalização de um doutorado (Gabriela) e o início de um doutorado (Jonara). Em um movimento de demonstrar um pouco das nossas investigações presentes e passadas, nos propusemos a abordar dilemas pessoais e éticos ao elegermos estudar objetos que permeiam as culturas das cidades e das ruas. As investigações que abordamos nos capítulos a seguir são impactadas pela pandemia da Covid-19, o que nos provocou a realizar adaptações nos nossos objetos empíricos e nas nossas construções metodológicas, conforme explicamos.

Primeiramente, a doutoranda Gabriela relata os desafios vivenciados na sua experiência como pesquisadora "não-nativa" do encontro de poesia falada do tipo *slam poetry* composto por pessoas transexuais, negras, periféricas, ativistas e não-binárias no centro de São Paulo, que é analisado na sua tese, em processo de finalização. Além disso, traz a construção multimetodológica utilizada para dar conta das particularidades do fenômeno estudado, tendo como pano de fundo a metodologia da investigação narrativa (CARDONA e ALVARADO, 2015).

Após, a pesquisadora Jonara, que está no primeiro ano do doutorado no Rio Grande do Sul, faz um resgate da sua investigação de mestrado, na qual analisou as performances da artista Linn da Quebrada na transição entre os álbuns Pajubá (2017) e Trava Línguas (2021). Como premissas da sua construção metodológica, destacou a perspectiva do cruzo (RUFINO; SIMAS, 2018), por meio da pedagogia das encruzilhadas (RUFINO, 2017), e o viés da interseccionalidade, com a roleta interseccional (CARRERA, 2021). Por fim, o pós-doutor Thiago (que mora no Rio Grande do Norte) aborda caminhos epistemológicos que atravessam todas as nossas investigações, com o propósito de evidenciar narrativas silenciadas dos indivíduos pesquisados, de modo que estes consigam ter voz numa perspectiva *queer* decolonial⁵ (PEREIRA, 2015) na construção de um saber aberrante⁶ radicado na baixa teoria (HALBERSTAM, 2020).

⁵ Trata-se de uma abordagem teórica transviada, marica, cujo enfoque recai sobre as vozes do sujeito subalternizado pelo sistema patriarcal e heterocisnormativo. “Decolonizar é se desprender da lógica da colonialidade e de seus efeitos; é desapegar-se do aparato que confere prestígio e sentido à Europa. Noutras palavras, decolonização é uma operação que consiste em se desapegar do eurocentrismo e, no mesmo movimento em que se desprende de sua lógica e de seu aparato, abrir-se a outras experiências, histórias e teorias, abrir-se aos Outros encobertos pela lógica da colonialidade – esses Outros tornados menores, abjetos, desqualificados” (PEREIRA, 2015, p. 415).

⁶ O aberrante libera potência, fornece vitalismo à existência, mesmo carregado de uma força destruidora, caótica. O aberrante é a expressão da potência ou que expõe tal potência (LAPOUJADE, 2015).

Pesquisar objetos contemporâneos, urbanos e ser uma pesquisadora não-nativa

Para o presente trabalho, eu (Gabriela) me propus a relatar a experiência de ser uma pesquisadora “não-nativa” do grupo de pesquisa analisado no desenvolvimento de uma tese de doutorado, agora em processo de finalização. Neste texto, descrevo o processo de pesquisa, bem como as decisões e transformações metodológicas ao longo de 4 anos. Tenho 32 anos, sou mulher, cisgênera, branca, acadêmica, não-paulistana, bolsista de doutorado, gaúcha, moro sozinha no centro da cidade de São Paulo.

Acredito na importância dos pesquisadores – sejam eles mestrandos, graduandos ou doutorandos, (especialmente os que se debruçam a analisar grupos juvenis e comunidades contemporâneas ou fazem uso da etnografia como método de pesquisa) elaborarem um memorial escrito de suas trajetórias. Não que seja tarefa fácil. Afinal, como chegamos nos objetos de pesquisa ao qual escolhemos pesquisar? Quem somos enquanto pesquisadores e comunicadores nesta relação investigadores-informantes, participantes de pesquisa? Como afetamos e somos afetados pelo campo de pesquisa em constante movimento assim como os centros e as ruas das cidades em constantes oscilações?

Desde março de 2019 pesquiso uma batalha de poesia (do tipo *slam poetry*) organizado por um coletivo pessoas de gêneros dissidentes e voltada à realidade de pessoas transexuais, negras, periféricas, ativistas, não-binárias que residem em São Paulo, o “Slam “M”” – um universo que me interessa desde o primeiro contato que tive, mas do qual não atuo permanentemente, tampouco vivo no meu cotidiano. Ou seja, não faço parte desta comunidade, não pertença a ela como ativista. O atravessamento comum ao meu campo e a minha vivência é a localização: o centro de São Paulo – e o corpo em trânsito – sou uma pessoa de outro estado que veio para São Paulo, assim como vários dos sujeitos de pesquisa que escutam e atuam no *slam poetry* pesquisado.

Desde o início de 2019 tenho acompanhado este coletivo de modo presencial, em frente ao lugar onde se reúnem⁷, e de modo digital, pelas duas redes sociais onde

⁷ O coletivo já se reuniu na Biblioteca Mário de Andrade. No entanto, os encontros “oficiais” ocorrem em frente ao Mosteiro São Bento, uma vez ao mês, geralmente nas primeiras quintas-feiras às 19h.

atuam. Segundo Klein (2021), o Largo São Bento, localizado no centro de São Paulo, possui um histórico com relação à cultura de rua. Desde o início da década de 80 até o final de 90 sua localização foi considerada um dos destaques nacionais de reuniões de Hip Hop - desde a música rap, a dança break até o grafitti – e já concentrou mais de dez mil pessoas para assistir as batalhas de MCs das mostras nacionais de Hip Hop. No entanto, a investigação foi quase interrompida ao longo da pandemia, especialmente no ano de 2020, uma vez que o coletivo estudado parou de se reunir e permaneceu offline de suas redes sociais digitais (como o Facebook e Instagram) e só retornando ao encontro presencial na rua após 2 anos de pandemia.

Neste campo de pesquisa (encontro e competição de poesia falada de pessoas trans e não-binárias) enfrentei questionamentos éticos com relação ao uso das poesias gravadas ao longo dos primeiros encontros no primeiro ano do doutorado, pois muitos dos poetas e poetes recitam suas narrativas e não voltam ao encontro. Ou seja, o “Slam M” é um lugar de passagem e de trânsito de pessoas de vários lugares de São Paulo e de outros estados (não é um grupo estático e único) – o que me trouxe um dilema ético no uso destes conteúdos coletados, uma vez que as gravações foram feitas nos primeiros encontros (em 2019), quando ainda estava “conhecendo” o campo e não tinha estabelecido uma aproximação suficiente para pedir autorizações ou entrevistar as pessoas do *slam* – que convivem com diversas violências cotidianas.

Logo no início da pandemia, também houve o suicídio de uma pessoa trans do coletivo (Demétrio Campos), o que me fez pensar ainda mais as questões éticas em realizar entrevistas com os participantes desta competição de poesia falada. A ideia inicial era de fazer uma aproximação e aprofundar a pesquisa empírica no segundo ano do doutorado (o ano de 2020), logo o ano em que a Covid-19 se espalhou pelo mundo. Deste modo, fiquei sem conseguir ter este contato próximo aos informantes de pesquisa e tive que mudar o trajeto metodológico para observações na internet e nas escutas e descrições dos conteúdos das poesias gravadas, bem como o uso da pesquisa documental e bibliográfica. O grupo só voltou a se encontrar presencialmente no quarto ano do doutorado (2022) e quando me apresentei como pesquisadora, senti um estranhamento de alguns integrantes do grupo – o que é compreensível, já que muitas vezes os pesquisadores imergem no grupo e depois nunca mais retornam ou não apresentam os

resultados de suas pesquisas. Com isso, decidi outras rotas metodológicas e descrevo estes percursos ao longo da tese realizada.

E olhando para este grupo ativista, jovem, ocupando o centro da cidade na parte da noite, o que me “salta aos olhos” (o problema de pesquisa!) é compreender de que modo as narrativas audiovisíveis (ROCHA, 2020) de pessoas de gêneros dissidentes na competição de poesia falada e coletivo LGBTQI+ Slam “M” permitem a construção subjetiva de outras possibilidades e modos de criação de um mundo e uma realidade queer (MUÑOZ, 1998). Entre os objetivos específicos, me pergunto como as experimentações artísticas presenciais e digitais deste grupo colaboram para a construção de uma rede de afeto, enfrentamento, resistência e sobrevivência para pessoas LGBTQI+. Assim como Maíra Freitas (2019), também questiono: como os corpos dissidentes deste grupo produzem imagens descoladas das representações hegemônicas? E quais são essas representações atualmente? Se constroem, de que forma ressignificam isso e refazem uma outra realidade além da cisheteronormativa?

Sobre a metodologia de pesquisa, ao longo da trajetória como pesquisadora passei pela experiência de investigar o Riot Grrrl, movimento punk feminista da qual fiz parte e investi quei enquanto pesquisadora *insider* (GELAIN, 2017). Este movimento nada fácil – de “se distanciar” do grupo ao qual você faz parte com um olhar crítico e detalhista – é também um desafio interessante e pode ajudar no desenvolvimento de uma dissertação de mestrado, principalmente pelo tempo de elaboração da pesquisa: quando você faz parte do grupo, pode ter acesso a certas informações e informantes com uma considerável velocidade, ainda que com os desafios de manter um distanciamento necessário para a crítica que deve ser feita ao grupo. E ao final, você nem se sente tão mais *insider* ou parte da comunidade da qual (também) faz parte depois deste esforço em analisar e imergir no estudo da comunidade – é um misto de: “sou uma riot grrrl, mas... sou também uma pesquisadora que critica o grupo!”.

Já no doutorado tive uma experiência distinta, pois como já mencionado anteriormente, não faço parte do encontro urbano observado no centro da cidade. Para pesquisar uma comunidade contemporânea e em constante mutação, é necessário que o pesquisador tenha mais tempo de desenvolvimento de pesquisa, a fim de compreender as dinâmicas do grupo analisado, o que pode ser realizado em uma pesquisa de doutorado. Deste modo, para elaborar a tese, utilizo um arcabouço multimetodológico por meio de

uma pesquisa de inspiração etnográfica (vou para a rua analisar o grupo), netnográfica (POLIVANOV, 2013) e utilizado técnicas para responder ao problema central de pesquisa como a coleta de dados nas redes sociais digitais, a pesquisa documental e bibliográfica, além da investigação narrativa como pano de fundo para interpretar os textos declamados no slam a partir das poesias e falas dos corpos em trânsito, em transição e transicionados – refletindo as questões de gênero.

Por fim, compreendo o uso da investigação narrativa (Ana María CARDONA; Sara Victoria ALVARADO, 2015) como uma aposta metodológica na pesquisa em desenvolvimento no doutorado. Neste tipo de investigação não há uma neutralidade na análise do pesquisador e se assume a relação entre ele e uma comunidade pesquisada. O narrar não aparece sem uma intenção. Para as autoras, o objetivo de desenvolver uma investigação narrativa é uma aposta metodológica para a construção social de um fazer científico a partir das vozes dos participantes. Entretanto, é importante que o investigador esteja em contato com o grupo, para uma melhor interpretação dos sentidos e significados expressos pelos informantes de pesquisa, levando em conta o período histórico dos textos expressos no grupo, as questões como geração (idade), temporalidades, territorialidades e questões interseccionais, culturais, econômicas do coletivo. Assim, me pergunto: como escolher narrar o que narro no texto, a partir do que já foi dito pelo grupo analisado? E como enfrentar os desafios deste campo de pesquisa em constante movimento e transformação sendo uma pesquisadora não-*slammer*, não jurada, mulher cisgenerificada e branca?

A análise de performances dissidentes em encruzilhada por um viés interseccional

As experiências que compartilho neste artigo têm início no meu período de mestrado, quando eu (Jonara) estudei a transitoriedade nas performances da artista Linn da Quebrada entre os álbuns Pajubá (2017) e Trava Línguas (2021), e estende-se até a pesquisa que estou realizando no doutorado, sobre festas de rua em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, como um movimento de resistência e direito à cidade. Sou uma mulher branca, cisgênero, bissexual, de 29 anos, formada em jornalismo, mestra e doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), no Rio Grande do Sul. Toda a minha trajetória acadêmica, desde a

graduação até a pós-graduação, foi financiada integralmente por bolsas de estudo, primeiramente pelo Prouni e, posteriormente, pela CAPES.

Iniciei o mestrado em março de 2020, poucos dias antes da universidade cancelar as aulas presenciais devido à pandemia da Covid-19. Portanto, a minha experiência de mestrado ocorreu num contexto de isolamento. Na pesquisa, o meu intuito inicial era analisar a relação do álbum *Pajubá* (2017), da artista Linn da Quebrada (com quem eu já tinha uma relação como fã desde 2017), com o transfeminismo. No entanto, ao longo dos meses, os artistas da música tiveram que se adaptar ao cenário pandêmico, realizando *lives* nas plataformas de redes sociais. Sendo assim, passei a acompanhar as aparições midiáticas de Linn da Quebrada, que não se limitavam a shows musicais, mas também aconteciam em entrevistas, *masterclass* e outros momentos de diálogo com o público, por meio de plataformas como o *Zoom*. Nesta pesquisa exploratória, passei a identificar elementos que antes, como fã da artista, não enxergava.

Contando resumidamente, percebi que estava inserindo a Linn em diversas caixinhas: a travesti, a bixa preta, a militante, a terrorista de gênero, e por aí vai. Como se o trabalho (e até mesmo a vida) dela fosse resumido a isso. Fui identificando esses rótulos e desaprendendo eles com a pesquisa exploratória, escutava as suas falas em *lives*, lia os seus textos/legendas nas redes sociais, assistia aos shows e consumia as entrevistas que ela dava. Era engraçado, eu esperava ver uma coisa e via outras mil. Eu achava que já sabia tudo e na verdade só estava projetando expectativas. Aceitar a posição de quem não sabe nada me instigou cada vez mais (CORDOVA, 2022, p. 20).

Assim, enquanto perambulava pelas performances de Linn da Quebrada nestes ambientes plataformizados, percebi que estava ocorrendo um movimento de transição, quando a artista passou a se questionar sobre a sua identidade, revisitando o seu passado, o que culminou no lançamento de “quem soul eu?” em agosto de 2020, canção que integra o álbum *Trava Línguas* (2021).

A construção metodológica foi realizada a partir de duas premissas: a perspectiva do cruzo⁸ (RUFINO; SIMAS, 2018), por meio da pedagogia das encruzilhadas⁹

⁸ “A perspectiva do cruzo parte da implicação de que não há como pensar as produções de saber presentes em determinadas práticas culturais sem que nos afetemos e nos alteremos por aquilo que é próprio delas (...) partimos da orientação de que o mundo, os seres e as práticas sociais não estão acabados e que os conhecimentos possíveis não se esgotam na esteira de um modo de saber que se reivindica único” (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 33).

⁹ “A Pedagogia das Encruzilhadas mira os movimentos, as transformações, a invenção nas dobras e as possibilidades é um projeto poético/político/ético antirracista/decolonial assentado no signo de Exu (...) faz da encruza um campo de possibilidades. Assim, o projeto não exclui nenhuma forma de conhecimento, mas as transgride, escolhamba, sucateia, reinventa e encanta” (RUFINO, 2017, p. 16).

(RUFINO, 2017), e o viés interseccional. A perspectiva do cruzo surgiu na fase de coleta, enquanto perambulava pelas performances da artista. Durante essa caminhada sem rumo, me coloquei como observadora atenta, mas também, como coletora-colecionadora, que deixou-se afetar, selecionando elementos que fizeram parte da pesquisa, considerando a força do encontro gerado (COSTA, 2014), inspirada pela cartografia. Para isso, utilizei como referência a figura do “malandro”. Essa entidade, que advém de religiões afro-brasileiras, é conhecida por praticar o cruzo, pelo seu caminhar contínuo e por encarnar nos mais diferentes locais:

Os caminhos retos são os limites a serem transgredidos. Assim a malandragem pratica o cruzo, o malandro é errante, o corpo, suporte de sabedorias, é propulsor de outras textulidades, pulsa no transe, o malandro transita, é fluxo contínuo. Dessa forma, quando baixa não importa de onde vem, mas sim o riscado que imprime no chão [...] o malandro está em todas e pratica os tempos/espacos nos apresentando as inúmeras possibilidades de reinvenção da vida nas frestas (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 83).

A perspectiva do cruzo foi acionada para dar conta de uma pesquisa em que a artista, cujas performances estavam sendo analisadas, é uma travesti, negra, de origem periférica. Entendo o fenômeno estudado como uma encruzilhada por ver no trabalho de Linn da Quebrada diversas ações táticas (cruzos) de transgressão das normas que tentam aprisioná-la em um “(cis)tema fálico e falido”. Esses cruzos não se conectam de modo linear, mas se relacionam e se repetem em quatro categorias que identifiquei na análise: autoinvestigação, morte, invenção e renascimento, não necessariamente nesta ordem. É perceptível que as categorias/etapas ocorrem ao mesmo tempo e, por isso, Linn da Quebrada está em constante devir.

Diferente do que acontece com frequência na carreira de artistas da cultura pop, a transição nas performances não se limita ao início de uma nova Era¹⁰ artística, pois não é possível separar a performance da performatividade de gênero, quando se tratam de artistas dissidentes, como é o caso de Linn da Quebrada. Para Colling (2021, p.16), “é complexo diferenciar performance de gênero e performatividade de gênero porque as obras e as vidas dos/as artistas são indissociáveis e, muitas vezes, a própria identidade de gênero e sexual é o motor das performances”. Porém, o pesquisador destaca que, ainda assim, a performance do palco não será idêntica à maneira como a pessoa performatiza o

¹⁰ Aqui me refiro ao conceito de “Era” utilizado por Larrubia (2020) para explicar as diferentes fases de artistas da cultura pop, que são construídas por meio de elementos estéticos, comportamentais, entre outros.

seu gênero e a sua sexualidade em outros contextos, uma vez que na repetição, seja na arte ou na vida cotidiana, sempre ocorrem diferenças.

Além da questão do gênero e da orientação sexual, ao me debruçar na análise das performances de Linn da Quebrada, identifiquei a necessidade de considerar a intersecção com outras avenidas de opressão como a raça e a classe social. Aí entra o viés interseccional, que foi incorporado à metodologia a partir do uso da “roleta interseccional” na etapa de análise, uma ferramenta discursiva-operacional proposta pela Doutora em Comunicação Fernanda Carrera, para tornar possível a identificação de rastros da interseccionalidade em processos comunicacionais. Conforme Carrera (2021, p. 8), sujeitos subalternizados, que na maioria das vezes são invisibilizados no espaço midiático, disputam pelo seu lugar, reivindicando “o domínio de suas próprias narrativas”.

O foco durante a investigação foi a transição entre os álbuns Pajubá (2017) e Trava Línguas (2021). No entanto, ao utilizar a Teoria Fundamentada e a Roleta Interseccional como aportes metodológicos, ficou nítido que tal processo não se dá apenas neste recorte, mas em toda a trajetória artística de Linn da Quebrada. Por isso, a encruzilhada, com as quatro categorias (autoinvestigação, morte, invenção e renascimento) e a artista no centro, representa melhor o fenômeno do que uma linha do tempo, por exemplo, já que não é possível determinar uma linearidade. Tudo ocorre ao mesmo tempo, de modo contínuo.

Além disso, optei pela figura da encruzilhada por considerar que é um símbolo que também é atravessado por uma das avenidas de opressão que mais apareceu quando estava girando a roleta interseccional: a raça. Ao percorrer a encruzilhada, os rastros das opressões interseccionadas foram identificados e discutidos. Portanto, com essa análise foi possível compreender os cruzos, como ações táticas de subversão, que constituem o trabalho artístico de Linn da Quebrada.

Neste ano de 2022, ao ingressar no doutorado, identifiquei que será adequado utilizar essas mesmas premissas (perspectiva do cruzo e viés interseccional) na investigação atual. O trabalho que estou iniciando tem como foco as festas de rua. Sou moradora da cidade de Porto Alegre e vejo um movimento de ocupação das ruas com manifestações artísticas e políticas. Esse movimento parte de uma resistência às políticas higienistas e ao processo de gentrificação. Portanto, entendo que se trata de uma ação em

prol do direito à cidade e da democratização das festas, que ocorrem gratuitamente no espaço público, organizadas por coletivos artísticos.

Alguns desses coletivos têm mais foco em determinados grupos minoritários. Um exemplo é o T, que é composto por pessoas trans e não-binárias. Se as festas de rua são ações de resistência, considero fundamental olhar para quais são os corpos que as compõem e de que forma se relacionam com a cidade, com a música, uns com os outros, etc. Entendo que a minha análise deva se dar a partir de um viés interseccional, não apenas ao considerar as pessoas que fazem parte deste movimento, mas também ao olhar para mim mesma e para como vou me colocar neste espaço investigativo, de modo que seja uma construção em diálogo com as sujeitas de pesquisa. Portanto, identifico que será um exercício de artesanaria metodológica, que ocorrerá a partir de um trabalho coletivo e movente. E a perspectiva do cruzo servirá como referência para subverter caminhos metodológicos eurocêntricos e cisheteronormativos.

A baixa teoria como possibilidade epistêmica nas pesquisas em culturas urbanas

Festas de música eletrônica, Tecnologia, Afetos, Epistemologia da Complexidade, Cultura Pop, Linn da Quebrada, Decolonialidade, Gêneros, Sexualidades, Interseccionalidade, Cartografia, Bruxaria. Temas e conceitos que transpassaram e atravessam as minhas pesquisas em comunicação e culturas urbanas, enquanto pesquisador, homem, cis, gay, pardo, nordestino, filho de pai negro e mãe parda, jornalista e doutor em ciências sociais pela UFRN. Tentei de maneira intuitiva, e depois com leituras e a empiria, trazer a desobediência epistêmica, o anarquismo metodológico¹¹ (FEYERABEND, 2011), e por que não a baixa teoria (HALBERSTAM, 2020), algo que tenho me debruçado recentemente, para pensar sujeitos/as/es subalternizados/as/es na e da cidade.

A ideia trazida pelo pesquisador Jack Halberstam de baixa teoria dialoga com outros saberes desviantes, epistemologias transviadas, a indisciplinaridade. Mombaça (2016; p. 343), sugere a: “Errogênese: criação pelo erro, pelas vias erradas”, uma epistemologia calcada na entropia, na desordem, em ‘modelos caóticos’ como

¹¹ “E minha tese é a de que o anarquismo contribui para que se obtenha progresso em qualquer dos sentidos que se escolha atribuir ao termo. Mesmo uma ciência pautada por lei e ordem só terá êxito se se permitir que, ocasionalmente, tenham lugar procedimentos anárquicos” (FEYERABEND, 2011, p.42).

possibilidade de criação narrativa e científica, dotados de autoridade epistemológica. Temos o erro e a errância, o perder-se, o vaguear, pode ser também uma aposta metodológica. Erro e errância entrelaçam-se. A errância faz parte da pesquisa em/nas cidades. Perlongher afirma:

Deambular é uma imersão nos cheiros e sabores, nas sensações da cidade. O corpo que erra sabe em/com seu deslocamento. Encontre-se com o corpo, diríamos à maneira de Castañeda. Este "conhecimento" - a palavra é manifestamente inadequada - passa pelo sensível (PERLONGHER, 2008, p.144 – *tradução nossa*).¹²

Perder-se na cidade, trocar afetos, emocionar-se, afetar-se pelos e nos interstícios urbanos, explorar as margens, escutar os marginalizados, contaminar-se pelo erro por meio do corpo. A baixa teoria (termo adaptado por Halberstam dos trabalhos de Stuart Hall), procura localizar os “espaços entre”, a inadequação, as marginalidades, o fracasso, os saberes subjugados, que “vem de baixo”, uma produção teórica que não precise de autorização canônica de algum regime de conhecimento comum para estabelecer validade.

Quero propor uma baixa teoria ou um saber teórico que funcione em vários níveis de uma só vez, exatamente como um desses modos de transmissão de que se diverte nos desvios, nas viradas e nas curvas por meio de conhecimento e confusão, e que busca não explicar, mas envolver. (...). A baixa teoria é um modo de pensar que extrai da famosa noção de Stuart Hall de que teoria não é um fim em si mesma, mas “um desvio de caminho para outra coisa” (HALBERSTAM, 2020, p.38).

A baixa teoria emerge a partir de sujeitos/as/es de pesquisa subalternizados, marginalizados, saberes sempre silenciados na história do conhecimento eurocentrada, colonizada, branca, masculina e cisgênera. A baixa teoria é atravessada pelo *queer* decolonial (PEREIRA, 2015) e possibilita que minorias tidas como ‘fracassadas’ como negros, indígenas, pessoas com deficiência (PcD), mulheres, população LGBTQIAPN+, ganhem voz atuando de maneira contra-hegemônica. “Baixa teoria talvez seja o nome de uma forma contra-hegemônica de teorizar, a teorização de alternativas dentro de uma zona não disciplinar de produção de conhecimento” (HALBERSTAM, 2020, p.41).

¹² “Errar es un sumergimiento en los olores y los sabores, en las sensaciones de la ciudad. El cuerpo que yerra conoce en/con su desplazamiento. Conoce con el cuerpo, diríamos a la manera de Castañeda. Ese "conocimiento" - la palabra es manifestamente inadecuada - pasa por lo sensible.” (PERLONGHER, 2008, p.144).

Podemos pensar a baixa teoria em diálogo também com as ideias de anarquismo metodológico e abandono da razão¹³, ambos estudados por Paul Feyerabend (2011) no fazer científico, sem falar da reivindicação de certa postura decolonial advogada por ele.

Eu queria saber como intelectuais conseguem escapar impunes de um assassinato – pois é assassinato, assassinato de mentes e culturas, que é cometido ano após ano nas escolas, nas universidades e nas missões educacionais em países estrangeiros. Essa tendência tem de ser revertida, pensei eu; temos de começar aprendendo daqueles que escravizamos, pois eles têm muito o que oferecer e, de qualquer modo, têm o direito de viver como acham melhor, mesmo que não sejam tão insistentes acerca de seus direitos e de suas opiniões como seus conquistadores ocidentais sempre foram (FEYERABEND, 2011, p. 335).

A pesquisa que desenvolvi sobre Linn da Quebrada no pós-doutorado e até hoje buscou e busca de alguma maneira dar voz a uma ancestralidade preta, travesti, bruxa, escravizada e muda pelo “progresso científico”. A baixa teoria e a negação de uma razão iluminada detentora de uma verdade, continuam sendo norteadores da raiz de dessas pesquisas. Propor uma epistemologia “enviadescida”¹⁴, como Linn canta em sua música, e travesti¹⁵.

Considerações finais

Compreendemos, a partir da união das nossas vivências, é que as construções metodológicas e epistemológicas são atravessadas pela relação entre nós (pesquisadores aliados) e as pessoas que são nossas sujeitas de pesquisa. Afetamos e somos afetados

¹³ “Ideias que na atualidade formam a própria base da ciência existem apenas porque houve coisas como preconceitos, presunção, paixão; porque essas coisas opuseram-se à razão; e porque se lhes permitiu fazerem o que quisessem. Temos, então, de concluir que, mesmo no interior da ciência, não se pode e não se deve permitir que a razão seja abrangente, e que ela, com frequência, precisa ser posta de lado, ou eliminada, em favor de outros instrumentos” (FEYERABEND, 2011, p. 208).

¹⁴ “A ideia ao ‘enviadescer epistemologias’, além de inspiração em uma canção homônima de Linn – ‘Enviadescer’, é a tentativa de aproximação de uma interpretação (mais) *queer* para a produção de conhecimento e o pensamento comunicacional, por vezes, sedimentado por epistemes generificadas e sexualizadas.” (NEVES; POSTINGUEL; GONZALEZ, 2019, p. 3). No clipe da canção, o corpo de baile de Linn dança pelas ruas, inclusive diante de uma unidade da Polícia Militar, amparadas no alambrado. Na letra da música, Linn canta “Mas, não tem nada a ver/ com gostar de rola ou não./ Pode vir, cola junto, as transviada sapatão./ Bora enviadescer até arrastar a bunda no chão!”. <https://www.youtube.com/watch?v=saZywh0FuEY>

¹⁵ Uma epistemologia travesti, um saber trans encontra sua proliferação em uma ciência da guerrilha. “Fazemos uma ciência de guerrilha porque temos que minar aos poucos a ciência hegemônica que nos excluiu, adoeceu e desacreditou do valor das teorias que somos capazes de produzir. Subversivas que somos, adotamos a posição de ruir os poderes instituídos com nossos saberes, nossos corpos, nossa capacidade e das oportunidades que tivemos, para lutar por uma legitimidade científica e lugares de enunciação na academia. Somos desobedientes à norma que nos ditou a exclusão do campo científico” (BENEVIDES; LEE, 2018p. 254)

continuamente, durante o fazer científico. Tentamos negociar com essas sujeitas subalternizadas pelo sistema¹⁶ heteronormativo e racializado, fazendo com que suas vozes, suas narrativas, sejam escutadas, lidas, espalhadas e incorporadas no fazer científico, numa perspectiva atravessada, e por meio da baixa teoria:

Acredito em baixa teoria em lugares populares, no pequeno, no inconsequente, no não monumental, no micro, no irrelevante; acredito em fazer a diferença pensando em coisas pequenas e compartilhando-as de forma ampla. Procuo provocar, chatear, incomodar, irritar e divertir; estou atrás de projetos pequenos, micropolíticas, palpites, caprichos, desejos (HALBERSTAM, 2020, p.45)

O trabalho elaborado não tem a pretensão de trazer soluções para os desafios enfrentados na relação entre pesquisador e sujeito de pesquisa, mas sim, introduzir alguns caminhos metodológicos e epistemológicos que experimentamos ao longo das nossas trajetórias acadêmicas, demonstrando os desafios das temporalidades de pesquisas impactadas pela pandemia de Covid-19 e pela urbe, em constante movimento. O intuito é gerar reflexões, mais do que oferecer respostas. Portanto, finalizamos essa escrita propondo um início de conversa, pois assim como Linn da Quebrada na sua música Amor Amor (2021), desejamos "que as contradições nos banhe com sua feitiçaria".

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, BrunaG.; LEE, Débora. Por uma Epistemologia das Resistências: Apresentando Saberes de Travestis, Transexuais e Demais Pessoas Trans. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, 2018.

CARDONA, Ana María Arias. ALVARADO, Sara Victoria. Investigación narrativa: apuesta metodológica para la construcción social de conocimientos científicos. **Revista CES Psicología**, v.8, n.2, p. 171-181, 2015. Disponível em: <https://revistas.ces.edu.co/index.php/psicologia/%20article/view/3022> Acesso em: fev. 2020.

CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. In: **E-Compós**. 2021.

COLLING, Leandro. O que performances e seus estudos têm a ensinar para a teoria da performatividade de gênero? **Urdimento**. Florianópolis, v. 1, n. 40, mar./abr. 2021.

CORDOVA, Jonara. “QUEM SOUL EU”: a transitoriedade na performance de Linn da Quebrada por um viés interseccional. Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Amaral. 2022. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Unisinos, São Leopoldo, 2022.

¹⁶ Sistema com “c” faz referência a um sistema dominado pela cisgeneridade.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista digital do LAV**, Santa Maria, UFSM. v. 7, n. 2 (maio./ago. 2014), p. 65-76, 2014.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GELAIN, G.. Herstory, elementos preliminares da trajetória de investigação de uma riot grrrl. **IS Working Papers** - Institute of Sociology of the University of Porto, v. 3, p. 1-27, 2017.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe, 2020.

KLEIN, Yasmin. **A cidade como lugar: a rua São Bento no contexto da vida cotidiana paulistana - ontem e hoje**. 2021. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: n-1 edições, 2015.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. **Concinnitas**, ano 17, volume 01, número 28, 2016.

MUÑOZ, José Esteban. **Disidentifications: Queers of color and the performance of politics**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

NEVES, Thiago Tavares das; POSTINGUEL, Danilo; GONZALEZ, Fernando. O CANTO DA QUEBRADA: aberrâncias audiovisuais, friccionalidades e transgressão do sistema. **ANAIS Compós**, 2019. Link: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_5BWNVKW0CRR8OYK7EHJF_28_7349_16_02_2019_05_52_59.pdf

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 5, n. 2, p. 411-437, 2015.

PERLONGHER, Nestor. **Prosa Plebeya**. Buenos Aires: Colihue, 2008.

ROCHA, Rose de Melo; POSTINGUEL, Danilo; NEVES, Thiago Tavares das; SANTOS, Thiago Ribeiro. Comunicação e estudos de gênero: políticas de audiovisibilidade e narrativas midiáticas. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. v.22, n.2, p. 91-102, 2020.

RUFINO, Luiz Rodrigues Junior. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas**. 2017. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Mórula editorial, 2018.